

25-04-2022

IMPrensa ANARQUISTA NO BRASIL

Chiara Lages

[Bibliotecária]

Reencontrar o baú de recordações de vô Luigi - e relembrar a destruição de Guernica y Luno/Espanha pelos [experimentos nazistas](#) de 1937 -, nesse momento da guerra do tirano Putin para anexar a Ucrânia à Rússia, avivou minhas convicções anarquistas.

Luigi, firme e delicadamente, delinhou meu caminhar a vida acompanhada pelos princípios anarquistas. Desafiava-me também a sustentar meus ideais em uma sociedade desigual e preconceituosa diante de comportamentos fora das fórmulas. Gráfico italiano, meu vô integrou movimentos operários por dignidade no trabalho no primeiro terço do século XX no Brasil. Esses movimentos eram incentivados e divulgados por amantes das palavras e da liberdade nos periódicos da imprensa anarquista. A voz do proletariado, comumente ausente na imprensa hegemônica, está registrada nesses jornais através de textos, depoimentos, charges, poemas, ilustrações, notícias, mobilizações e convocações para eventos, p.ex., paralisações e greves.

Conhecer o passado aguerrido da classe trabalhadora nos traz a certeza de que temos que reconquistar o futuro desejado por anarquistas brasileiros como: Edgard Leuenroth (tipógrafo e jornalista, fundador de diversos periódicos anarquistas, como A Plebe, e colaborador em outros); Neno Vasco (tradutor do hino "[A Internacional](#)"); Adelino de Pinho (expoente anarquista ibero-americano e ferrenho defensor da escola laica); Luigi Damiani (codinomes Gigi ou Alsinio Acrata, figurinista, jornalista, poeta e anarquista); e Fabio Luz... ([A Plebe](#)) ops, esbarrei sem querer no bauzinho... provocadoras, cartas embaladas em papel manteiga esparramaram-se trêmulas por minha atenção... Endereçadas ao '[Camarada Luigi Lages](#)', por [Fábio Luz](#), eram convites para escrever nos periódicos anarquistas "A Luta Social" e "Revolução Social", organizados pelo grupo "Os Emancipados" que, ao lado de José Oiticica e outros militantes anarquistas, veiculavam a disputa textual do combate político às pretensões de hegemonia dos bolchevistas no movimento operário.

A imprensa anarquista empenhava-se na divulgação do ideário anarquista que, segundo Ericco [Malatesta](#), defendia: "*abolição da propriedade, do Estado e das fronteiras; organização da sociedade por livre iniciativa de associações de produtores e consumidores; garantia dos meios de vida a todos; instrução completa para todos; guerra aos preconceitos religiosos e à hipocrisia; confraternização de todos os povos; e libertação da família de todos os laços legais, econômicos, físicos e religiosos para que ela se constitua no amor.*" ([veja](#), p.278).

Divulgava-se também nesses jornais, textos e ilustrações de outros anarquistas, como Pietro Gori, Pierre Proudhon, Mijail Bakunin e Piotr Kropotkin. Amantes da memória anarquista organizaram acervos digitalizados para consulta e leitura desses jornais: [Canto Libertário \(1906-1995\)](#) da Biblioteca da Unesp; [Hemeroteca Digital](#) da Biblioteca Nacional; e, dentre outros, [Imprensa Proletária](#), no [Arquivo Marxista da Internet](#). Um inventário dos principais jornais operários editados no Brasil de 1845 a 1930, construído por Vito Giannotti (2007), pode ser utilizado como roteiro de pesquisa ([veja](#), p.285-7).

Fábio Lopes dos Santos Luz foi um militante anarquista menos renomado mas empenhado em exercer os princípios da anarquia.

Promovia campanhas pelas condições de trabalho nas fábricas, botecoins, cafés, restaurantes, palestrava e escrevia sobre esse tema e atuava no controle das epidemias como a da varíola.

Na prática clínica, na rua que hoje leva seu nome no subúrbio do Méier/Rio de Janeiro, tornou-se querido e respeitado por sua dedicação aos pacientes, inclusive aos sem recursos, a quem também oferecia dinheiro para aquisição de medicamentos.

Natural de Valença/Bahia (1864), estudou na Escola de Medicina da Bahia, entre 1883 e 1888, quando iniciou seu envolvimento pela abolição e pela república. Acreditava que o regime imperial (depois constatou que o republicano idem) estava na base das injustiças sociais, miséria, opressão das classes populares. O percurso de Fábio Luz ilustra a formação de um militante contra as injustiças sociais através da indignação e do conhecimento libertador.

Ainda jovem, indignava-se com a venda de escravos, que seu pai (funcionário público) registrava. A leitura da obra "Palavras de um Revoltado", de Kropotkin, o levaria a se interessar pela filosofia anarquista, mas só saberia da existência do anarquismo brasileiro no Rio de Janeiro. Foi também escritor de "romances sociais" (p.ex.: "O Ideólogo"), fazendo de seus textos uma forma de militância, e membro da Academia Carioca de Letras (1934). Criticava "*a frase difícil e a raridade do termo fino, de adjetivos, rebuscados nos dicionários e nas ciências e já em desuso, [...]*" visto dificultar a leitura e a compreensão do texto, em especial aos que tiveram pouco acesso ao letramento ([Ribeiro](#), 2015, p.42 e 47). Fábio Luz se autodefinia burguês mas militava no anarquismo sonhando com a revolução social. Alinhava-se assim às concepções de que a revolução social anticapitalista e antiestatal comporta a realização pelas classes oprimidas e também por todos os que se sensibilizam e se posicionam contra o Estado e o capital. Dessa ótica, escrevia na imprensa operária, em A Plebe, A Vida, Voz da União, Spartacus, etc., com o propósito de enfrentamento ao jornalismo burguês ([veja](#), p.37).

Dedicou-se ao projeto Universidade Popular, focado na formação política e científica dos trabalhadores, agregando, dentre outros, pensadores respeitados como Evaristo de Moraes, Rocha Pombo, José Veríssimo. Embora esse projeto tenha durado poucos meses, informalmente na sua casa, Fábio Luz ensinava aos operários, inclusive outros idiomas, para ampliar o acesso a obras culturais e sociológicas. Sua dedicação por décadas à causa anarquista conquistou o reconhecimento da militância. Fábio Luz morreu no Rio de Janeiro, em 09/05/1938, convicto de seus ideais anarquistas que divulgava em todas as oportunidades em que escrevia, palestrava, clinicava e militava, como nesse pedacinho das cartas a Luigi ([veja](#)):

Devemos fundar uma imprensa nossa que elucide o público a respeito das nossas doutrinas [...] É preciso antes de tudo mostrar que o anarquismo é um sistema filosófico de doutrinas baseadas na ciência, e não um código jesuítico e secreto de malfeteiros para ser cumprido e observado por malfeteiros.

■ ■ ■

Referência:

Giannotti, Vito (2007). *História das lutas dos trabalhadores no Brasil*. Rio de Janeiro, Mauad X.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.